

O CIBERESPAÇO NO CONFRONTO DE SENTIDOS: UMA NOVA LEITURA DE ARQUIVO

Carolina FERNANDES¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
carolfr20@yahoo.com.br

Todo trabalho de pesquisa passa por um processo de seleção de material. Para isso faz-se necessário recorrer a um determinado arquivo, ou seja, *um conjunto de documentos sobre determinada questão*, como propôs Pêcheux (1994, p.57), que é estabelecido pelo próprio pesquisador segundo seus objetivos. Em meio à realização do meu trabalho de mestrado a respeito do discurso da revista *Veja* sobre Lula, coletei diversas revistas, não só da *Veja*, cujas reportagens de capa referiam-se a Lula durante os períodos eleitorais dos quais participara e também fora desses períodos. Desse material fiz recortes discursivos para compor meu *corpus* de análise que conta com sete capas da *Veja* e algumas seqüências discursivas do interior das revistas. Entretanto, não abandonei meu arquivo de pesquisa e, em alguns momentos, ainda me sirvo dele para constituir um outro arquivo, o arquivo de onde recupero outras seqüências discursivas que irão compor um *corpus* secundário de análise, o *corpus* de referência, mobilizado a fim de sustentar meu gesto interpretativo-analítico.

Durante esse processo de construção do arquivo de análise, tive, em diversos momentos, de recorrer ao arquivo virtual da revista *Veja*. E é sobre esse gesto que me fez refletir sobre a noção de arquivo segundo a formulação e a circulação na rede eletrônica dos saberes que o constituem. Dentre toda a disponibilidade de textos sobre Lula que estão disponíveis no *ciberespaço* em sua dispersão, a revista *Veja* dispõe de um arquivo específico que o percebo como um recorte, uma construção discursiva,

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa Análise Textuais e Discursivas.

limitada e determinada por uma rede de sentidos específica que constitui o discurso do grupo *Veja* sobre Lula.

Através da *home page* da revista *Veja*, tive acesso ao hipertexto "capas" por meio do qual o navegador tem acesso a um arquivo virtual de todas as capas da revista, desde sua origem em 1968 a atualidade. Para efetuar a pesquisa, basta selecionar uma ou mais palavras-chave e um recorte temporal que as capas são disponíveis em ordem cronológica decrescente, indo da mais atual a mais antiga, o que confere igualmente uma ordem linear de apresentação. Feita a pesquisa, o navegador ainda pode aumentar o tamanho das capas para obter uma melhor visualização, contudo o hipertexto se limita às capas, não há um outro *link* relacionado ao tema para acessar. As reportagens estão na página disponíveis em outro arquivo cujo acesso é restrito aos assinantes. Temos aí um modo de divisão do trabalho de leitura da revista *Veja* que distingue aqueles que são autorizados a ler suas reportagens daqueles que não possuem tal autorização. A partir disso, surge a questão: por que apenas as capas são autorizadas à leitura? Conforme o trabalho de análise que desenvolvo em minha dissertação de mestrado, percebo que as capas da revista *Veja* já representam o discurso de sua linha editorial para quem não é necessária a recorrência ao texto completo da reportagem.

Percorrendo a página principal da revista *Veja*, ainda tive acesso a um outro tipo de hipertexto de arquivo, "o governo Lula", disponível na *home page* da *Veja on line*. A partir desse hipertexto, o navegador encontra ali uma pesquisa já pronta com capas e reportagens da *Veja* sobre o primeiro mandato do governo Lula. Da capa da posse, percebe-se que logo se passa às primeiras críticas e acusações de corrupção no governo, efeito de sentido que ressoa em paráfrase revelado até a capa da reeleição, onde se escreve "o primeiro mandato de Lula foi pífio". O efeito de sentido que esse hipertexto propõe é justamente mostrar que o governo Lula no primeiro mandato não passou de um

governo sem expressão que construiu um ambiente propício a atos ilícitos. Além das reportagens e capas disponíveis, uma outra espécie de sub-arquivo é disponível ao leitor virtual, são *links* específicos sobre os itens *governo*, *partido*, *política*, *economia*, *diplomacia e escândalos* - nota-se que itens como programas sociais foram silenciados nesse recorte. Além da saturação do sentido de escândalo nas capas da revista, a *Veja on line* não se limita em apenas trazer um hipertexto com mais "informações" como traz esse último em evidência na forma de um hipertexto *especial*. Esse hipertexto põe em destaque mais *links* associados ao assunto, direcionando o olhar do leitor para o tema ao mesmo tempo em que facilita seu acesso aos textos autorizados.

É interessante também notar que a *home page* da revista *Veja*, na mesma fluidez de tempo que evidencia o arquivo *governo Lula*, traz um outro sub-arquivo intitulado "Collor: 15 anos de impeachment". A comparação já explícita entre ambos os presidentes nas capas da *Veja* é estabelecida por meio de uma determinada rede de sentidos que faz com que o imaginário de presidente corrupto projetado sobre Collor passe a refletir no imaginário sobre Lula.

Nesse sentido, o hipertexto capas, assim como os sub-arquivos da *Veja on line*, se apresentam como um efeito de completude do saber, de saturação dos sentidos, como se neles os sentidos estivessem completos por serem únicos e evidentes. Essa busca pelo efeito de completude causa o direcionamento do gesto de leitura/interpretação do arquivo, ao mesmo tempo em que se dissimula para o sujeito-leitor como para o sujeito-autor a constituição ideológica desse processo.

Conforme Pêcheux (1994, p.57), o arquivo compreende dois modos de leitura distintos:

- aquele que se apresenta como mera "apreensão dos documentos", como efeito de "pura referência", do apontar para "as coisas como são". O autor (*idem*) revela ainda

que essa modalidade de leitura é regulada pelos aparelhos de poder, que causam o efeito de "leitura literal";

- a outra modalidade é a da leitura interpretativa, enquanto "espaço polêmico das maneiras de ler", já que dá acesso à polissemia. Para a AD, essa é a vertente que possibilita um modo de leitura discursivo do arquivo.

A partir das considerações de Pêcheux sobre as modalidades de leitura de arquivo, percebo que a leitura/interpretação do arquivo "capas" disponibilizada na *web* por meio de um hipertexto funciona como um espaço virtual regulado onde a leitura de arquivo se encontra limitada e direcionada de modo a compreender uma ordem parafrástica de repetição. Além disso, essa modalidade de leitura que se propõe literal visa ainda ao apagamento da incompletude da linguagem pela saturação dos sentidos e à inacessibilidade aos sentidos antagônicos.

Mariani (1998), ao refletir sobre o direcionamento do gesto de leitura de arquivo, compreende que os aparelhos de poder que o regulam ocupam um lugar legitimado pelo processo histórico de naturalização de suas práticas de modo que lhe seja autorizada a cristalização e a naturalização de sentidos, tornando-os "evidentes". A autora (*idem*) salienta ainda que esse modo de leitura institucionalizado produz um efeito de memória coletiva que, ao apagar os sentidos não-autorizados, propõe-se como uma versão legitimada dos fatos, instaurando, assim, uma memória histórica oficial.

Problematizando a noção de arquivo nessa mesma perspectiva, Zoppi-Fontana (2002, p. 183) o designa em função de seu aspecto institucional, definindo-o por "um dispositivo normalizador/normatizador dos gestos de leitura". O arquivo institucional funciona, portanto, por acúmulo e não pela dispersão de saberes. Satura e estabiliza os sentidos de forma a manter seu retorno no intradiscurso constante, o que produz o efeito de memória assinalado por Mariani (*ibidem*).

Desse modo, percebo que os sub-arquivos disponibilizados na *home page* da revista *Veja* funcionam como um modo de gerenciar, normatizar, o gesto de leitura que, ao mesmo tempo em que causa o efeito de completude, impõe um sentido unívoco e literal ao arquivo, produzindo, desse modo, um efeito de memória coletiva, institucionalizada, oficial que "congela" a história, estabilizando, petrificando os sentidos.

Ao lado do gerenciamento do gesto interpretativo, percebe-se no *ciberespaço* a presença de *blogs* e comunidades virtuais cujos fóruns de discussão atuam numa forma de reação à legitimidade do discurso do grupo *Veja*. Temos, por exemplo, as comunidades da rede de relacionamentos Orkut: "Leu na *Veja*? Azar o seu!" com mais de 54 mil participantes, cuja descrição designa a revista por *tendenciosa, panfletária, neoliberal, entreguista e derrotista*; relacionada a esta há a comunidade "Nem veja, nem leia" que considera o grupo *Veja defensor dos interesses de uma minoria*. Como toda a comunidade da rede Orkut, há tópicos nos fóruns de discussão que podem ser acessados sem restrições para que os participantes dêem suas opiniões, ou seja, há um espaço de livre acesso à polissemia, a outros sentidos que podem se inscreverem na mesma matriz significante ou em outra oposta.

Além dessas duas comunidades, outras se fazem presente no plano *ciberespacial* de modo a se constituírem como perfeitas rivais. De um lado, a comunidade "Eu leio a revista *Veja*", a apresenta como *um meio de comunicação imparcial que apenas narra os fatos, independente de quem esteja envolvido*, como foto ilustrativa tem-se a capa de Lula com a faixa presidencial servindo de venda aos olhos; de outro lado, encontra-se a comunidade "a revista *Veja* é do mal", como descrição apresenta o seguinte seguimento: *comunidade destinada àqueles que abominam a linha editorial fascista e reacionária da Revista Veja - voz da elite mais retrógrada e golpista desse país*, como ilustração

traz a capa da *Veja* em que mostra o nome Lula com os dois 'l', fazendo uma comparação com o nome do presidente deposto Collor.

A partir das ilustrações, é fácil perceber que a relação antagônica entre esses discursos se faz mais especificamente pelo modo como a revista *Veja* discursiviza sobre Lula do que por outros sentidos. A filiação ou a oposição à rede de sentidos em que se inscreve o discurso do grupo *Veja* depende do modo como este constrói o imaginário de Lula, com isso, dá-se a contradição no interior do arquivo disperso da *web*.

A partir dessas considerações, entendo que, enquanto o grupo *Veja* institucionaliza o arquivo de modo a produzir um efeito de memória coletiva que, por legitimação social, virá a produzir o efeito de verdade, os *blogs* e as comunidades virtuais em repúdio à *Veja* desestabilizam os sentidos impostos por esse aparelho de poder, abrindo espaço para novos sentidos, o que constitui um modo de leitura polêmico do arquivo virtual.

A relação antagônica entre esses dois modos de conceber a leitura de arquivo se reflete na concepção de *ciberespaço* que, sendo o lugar de dispersão do arquivo, passa a funcionar como um espaço que possibilita a leitura discursiva do arquivo virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. et al. *Gestos de Leitura*. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1994, p.55-66.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica. Acontecimento, arquivo, memória: às margens da lei. *Leitura - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística - UFAL*, n.30, jul.-dez., 2002.